

**ENTRE SILÊNCIOS E ENCONTROS: A POTÊNCIA TERAPÊUTICA DA OBRA
“A MENINA E A ELEFANTA” E SUAS APLICABILIDADES PRÁTICAS**

*BETWEEN SILENCES AND ENCOUNTERS: THE THERAPEUTIC POWER OF THE
GIRL AND THE ELEPHANT AND ITS PRACTICAL APPLICATIONS*

Camila Carla Dantas Soares

Professor(a) na Faculdade Caicoense Santa Terezinha – FCST

Ilana Jozi Pereira Dutra

Professor(a) na Faculdade Caicoense Santa Terezinha – FCST

Caroline Medeiros Rodrigues e Silva

Professor(a) na Faculdade Caicoense Santa Terezinha – FCST

Antonio Leonardo Figueiredo Calou

Professor(a) na Faculdade Caicoense Santa Terezinha – FCST

Tiago Alves Callou

Professor(a) na Faculdade Caicoense Santa Terezinha – FCST

RESUMO: O presente artigo analisa o livro “A Menina e a Elefanta”, destacando seu valor simbólico, terapêutico e educacional. A obra é compreendida como instrumento de escuta afetiva e acolhimento emocional, especialmente no contexto da infância, mas também com impacto intergeracional. Com base na Psicologia, na Biblioterapia e em relatos de leitores, discutem-se as formas de uso do livro em atendimentos clínicos, ambientes escolares e no contexto familiar, demonstrando sua potência como objeto transicional e recurso de mediação emocional.

Palavras-chave: literatura infantil; escuta afetiva; clínica com crianças; acolhimento; recurso terapêutico.

ABSTRACT: This article analyzes the book *The Girl and the Elephant*, highlighting its symbolic, therapeutic, and educational value. The work is understood as a tool for affective listening and emotional support, especially in childhood, but also with intergenerational impact. Based on Psychology, Bibliotherapy, and readers' accounts, the article discusses how the book can be used in clinical settings, schools, and family environments, demonstrating its power as a transitional object and a resource for emotional mediation.

Keywords: children's literature; affective listening; child therapy; emotional support; therapeutic resource.

INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade que valoriza respostas rápidas, discursos prontos e emoções facilmente nomeáveis. No entanto, como afirmam Damásio (2004) e Wallon (2007), o universo emocional humano é complexo, processual e muitas vezes não verbalizável, sobretudo na infância. É nesse contexto que o livro *A Menina e a Elefanta* se destaca como uma obra que escuta, acolhe e convida à pausa.

Longe de oferecer respostas prontas, a história cria uma ambiência simbólica em que o silêncio tem espaço e o afeto se faz presença. Com base em relatos de leitores e nas contribuições da Psicologia, este artigo busca refletir sobre o uso da literatura infantojuvenil como recurso terapêutico e educativo, enfatizando a potência do acolhimento, da escuta e da representação simbólica.

A narrativa acompanha uma menina que, em meio a uma floresta simbólica, carrega sentimentos que não consegue expressar. A floresta representa sua mente — ora serena, ora turbulenta. A elefanta, por sua vez, simboliza o acolhimento: uma figura que escuta com o corpo, com o silêncio, com a paciência.

Essa relação remete ao conceito de “base segura” de Bowlby (1984), em que o vínculo afetivo confiável permite à criança explorar o mundo interno e externo com mais segurança. A elefanta não impõe respostas; ela apenas permanece. E isso, como pontua Winnicott (1975), já é cuidado.

A autora traz que apesar de ser um livro infantil, sua mensagem pode tocar pessoas de todas as idades. Em diferentes momentos da vida, qualquer um pode se identificar com a menina ou com a elefanta, o que torna essas personagens especiais para todo mundo. O livro é um convite a estar disposto a ouvir e a falar, convite à troca, e a ser gentil com o outro e consigo mesmo.

CONVERSANDO COM OS LEITORES E COM A LITERATURA

Pesquisas recentes sobre o uso de narrativas literárias em contextos clínicos e educativos têm reforçado a importância das histórias como ferramentas de acesso ao universo simbólico infantil. Oliveira et al. (2023) destacam que, na Avaliação Psicológica Infantil (API), as narrativas funcionam como espelhos da subjetividade da criança, permitindo que emoções e experiências difíceis de nomear sejam simbolizadas e comunicadas. Esses autores ressaltam ainda que o uso de histórias facilita o estabelecimento de vínculo e promove a expressão emocional de forma lúdica e acessível.

A biblioterapia, conforme apontado por Reis (2024), atua como prática terapêutica que mobiliza afetos e reflexões a partir da leitura, possibilitando à criança (e ao adulto) reorganizar internamente vivências emocionais. A autora enfatiza a importância da oralidade e da mediação cuidadosa durante a leitura, que se torna um momento de escuta, vínculo e ressignificação.

Em sua pesquisa sobre estratégias lúdicas na prática psicoterapêutica, Silva (2021) reforça que o brincar e as histórias são formas de expressão simbólica fundamentais no atendimento infantil. Autores como Winnicott, Klein e Vygotsky são mobilizados para fundamentar a compreensão de que o lúdico não é apenas entretenimento, mas parte essencial do desenvolvimento emocional e da elaboração psíquica da criança.

Além disso, Carvalho et al. (2024) argumentam que os contos de fadas funcionam como mecanismos de contenção e organização psíquica, ao oferecerem modelos narrativos com os quais a criança pode se identificar e reinterpretar suas próprias vivências. A escuta e a leitura mediada tornam-se, portanto, atos terapêuticos de grande potência para o desenvolvimento emocional e social da infância.

Além da força narrativa do texto, é preciso destacar a contribuição estética do livro enquanto experiência sensível e visual. As ilustrações, compostas por traços suaves, cores terrosas e espaçamentos generosos entre os elementos, não apenas acompanham a história, mas a potencializam como instrumento de escuta e afeto.

O silêncio, muitas vezes, é construído não apenas pela ausência de palavras, mas pelo uso consciente do branco na página, do olhar entre os personagens e da fluidez nas formas. Esse cuidado com o não-dito visual dialoga com a proposta de uma escuta não invasiva e reforça o valor do livro como recurso acessível para crianças com diferentes estilos de processamento sensorial.

Além disso, ao se abster de ilustrações excessivamente expressivas ou caricatas, o livro mantém uma ambiência simbólica e aberta, permitindo que o leitor projete suas próprias vivências nos elementos da floresta, na postura da elefanta ou no semblante da menina. A estética da obra, portanto, também escuta. Escuta com as cores, com os espaços, com os silêncios gráficos, e se constitui como linguagem afetiva que acolhe o que ainda não pode ser verbalizado. Em contextos terapêuticos, essa escolha visual se torna um convite para que a criança também desenhe, complete ou reinterprete a narrativa, coautora de sua própria floresta emocional.

Um leitor descreveu: “A floresta é a nossa mente. Precisamos compartilhar com pessoas de confiança, como a elefanta.”

A literatura, nesse sentido, funciona como objeto transicional — um conceito central em Winnicott (1975), segundo o qual os objetos simbólicos auxiliam na transição entre o mundo interno e externo, facilitando a elaboração emocional.

Relatos enviados por leitores mostram como o livro promove momentos significativos de escuta e diálogo entre adultos e crianças. Uma tia, por exemplo, contou a experiência de ler o livro com seu sobrinho de 7 anos: “Ele adorou e ainda disse: ‘Tia, acho que você é a menina e sua amiga escritora é a elefanta’.”

Esse tipo de leitura compartilhada favorece o que Vygotsky (1991) descreve como “zona de desenvolvimento proximal” — um espaço onde o adulto media o contato da criança com significados complexos, oferecendo apoio simbólico e afetivo.

A escuta afetiva, mesmo sem perguntas diretas, cria espaço para que a criança nomeie o que sente ou reflita a partir de personagens com os quais se identifica. Como afirmam Almeida e Meira (2016), a literatura infantil pode funcionar como um “espelho simbólico” das emoções humanas, promovendo regulação emocional e fortalecimento do vínculo familiar.

Além das contribuições da Psicologia, é possível ampliar a compreensão da potência simbólica do livro a partir da Filosofia da Infância. Walter Omar Kohan (2011; 2018) defende que a infância não é apenas uma etapa cronológica da vida, mas uma categoria existencial e filosófica, marcada por abertura, curiosidade e disposição para o encontro com o desconhecido. A infância, nesse sentido, é menos um tempo de preparação e mais uma forma de habitar o mundo com atenção sensível, disponibilidade e suspensão das certezas.

Ler “A Menina e a Elefanta” sob esse prisma filosófico é reconhecer que o silêncio da menina não é ausência, mas uma linguagem ainda não colonizada pela pressa ou pela racionalização adulta. A floresta simbólica que ela atravessa não é apenas um cenário interior, mas um território de resistência à normatividade emocional. A elefanta, por sua vez, encarna a possibilidade de uma escuta não pedagógica no sentido tradicional, mas filosófica: uma escuta que não busca moldar o outro, mas estar com ele, sustentando o tempo da elaboração. Kohan (2018) nos lembra que educar filosoficamente é abrir espaço para a pergunta, para o espanto e para o não saber. Ao permitir que a menina sinta, sem exigências, e que a elefanta acolha sem invadir, o livro realiza uma ética da presença, em que a relação com o outro é mediada por afeto, silêncio e respeito.

Nesse sentido, a obra se aproxima da noção de infância como alteridade radical, como potência de transformação não só da criança, mas também do adulto que se dispõe a reaprender a escutar. A leitura compartilhada entre gerações pode, portanto, tornar-se uma prática de cultivo da infância como experiência filosófica, em que perguntas sem respostas são tão legítimas quanto as certezas. “A Menina e a Elefanta”, assim, não é apenas literatura infantil, mas um convite à desaceleração, à escuta radical e à convivência entre tempos subjetivos diferentes.

A potência do livro também se manifesta em contextos terapêuticos com crianças neurodivergentes. Uma mãe relatou a experiência com seu filho autista: “A psicóloga sempre teve dificuldade de conversar com ele. Mas na última consulta, o neuro pediu pra ele fazer exatamente o que diz no livro.”

Sabemos que crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) podem apresentar dificuldades de comunicação verbal e expressão emocional (APA, 2014).

Nesse cenário, o uso de histórias simbólicas como ferramenta mediadora é uma prática crescente em contextos clínicos e escolares (Moreira; Santos, 2020).

Segundo Grandin (2014), muitas crianças autistas se conectam mais facilmente com imagens e metáforas do que com linguagem direta. O livro, ao oferecer uma narrativa poética e visualmente acessível, cria uma ponte entre o mundo interno da criança e o mundo social.

A obra também ressoa com princípios da Psicologia Humanista, ao valorizar o tempo interno, a escuta empática e a presença não julgadora — fundamentos defendidos por Carl Rogers (1961). A menina só consegue “voar” quando se sente compreendida, respeitada em seu tempo e acolhida em seu silêncio.

“Ler este livro é como dançar com a menina e a elefanta que vivem em mim”, escreveu uma leitora. Essa percepção resume o efeito simbólico da obra: criar espaço para que o leitor reconheça sua própria história, suas próprias potências e feridas.

Além disso, o livro se alinha à proposta de uma educação emocional inclusiva, como defendem Goleman (1995) e Del Prette e Del Prette (2005), ao promover a empatia, o respeito às diferenças e a valorização do silêncio como parte do processo de aprendizagem e amadurecimento afetivo.

POSSIBILIDADES DE USO PRÁTICO DA OBRA EM CONTEXTOS DIVERSOS

O livro “A Menina e a Elefanta”, por sua potência simbólica e sensível, permite múltiplas aplicações em contextos terapêuticos, educativos e familiares. A seguir, são apresentadas algumas sugestões de uso prático que favorecem a escuta afetiva, o acolhimento emocional e a mediação de sentidos, respeitando os tempos subjetivos de cada leitor.

No contexto clínico, especialmente em atendimentos com crianças, a obra pode ser utilizada como recurso de mediação simbólica. A leitura compartilhada seguida de atividades expressivas — como desenho, massinha, dramatização ou colagem — permite à criança projetar, de forma segura, suas emoções e experiências. O/a terapeuta pode propor, por exemplo, que a criança represente sua própria “elefanta” ou desenhe a

floresta como metáfora de sua mente, promovendo a externalização simbólica de sentimentos difíceis de nomear.

Segundo Silva (2021), o uso de histórias no contexto clínico fortalece a escuta terapêutica e amplia o repertório simbólico da criança, especialmente em quadros de dificuldade de comunicação verbal. A escuta sem julgamento, como a que a elefanta oferece à menina, torna-se, nesse cenário, uma referência prática para o manejo clínico humanizado.

No contexto escolar, o livro pode ser incluído em projetos pedagógicos voltados à educação emocional, às práticas restaurativas e ao fortalecimento do vínculo entre alunos e educadores. Conforme Goleman (1995), o desenvolvimento da inteligência emocional na infância está diretamente ligado à qualidade das interações afetivas e à promoção da empatia. Professores podem organizar rodas de conversa com a pergunta: “Quem seria sua elefanta?”, ou “O que existe na floresta da sua mente hoje?”, estimulando a expressão emocional por meio de metáforas. oficinas de escrita criativa, teatro, produção de cartazes ou diários ilustrados também podem ser estratégias para trabalhar os temas da escuta, empatia e regulação emocional de forma lúdica.

O livro ainda pode ser articulado a datas escolares como o Setembro Amarelo ou projetos transversais de cidadania e diversidade. A mediação cuidadosa por parte da equipe pedagógica faz-se fundamental para garantir que a leitura não seja apenas interpretada racionalmente, mas vivida como experiência de escuta sensível.

No ambiente familiar, o livro pode se tornar um ritual afetivo de leitura partilhada. Pais, mães, avós, tios ou cuidadores podem ler com a criança antes de dormir ou em momentos de recolhimento, criando um espaço seguro para o diálogo emocional.

Muitas vezes, a criança se sente à vontade para falar de si a partir da identificação com a personagem — e, por vezes, o adulto também. Nesse cenário, o livro atua como objeto transicional (Winnicott, 1975), aproximando gerações e fortalecendo vínculos.

Em todos esses contextos, é essencial respeitar o ritmo de cada leitor, permitindo que o silêncio também tenha seu espaço como forma legítima de resposta. O livro, ao não oferecer soluções prontas, se abre como campo fértil para que cada sujeito, seja criança

ou adulto, possa escutar-se e se reconhecer, seja como a menina que sente, seja como a elefanta que acolhe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Menina e a Elefanta é, acima de tudo, um livro que escuta. Escuta o silêncio da menina, escuta os tempos da infância, escuta os afetos dos leitores. Em um mundo que exige desempenho constante, a obra convida à pausa, à presença e ao cuidado.

A estética da obra, tanto visual quanto textual, favorece o gesto de escuta ao evitar o didatismo e ao respeitar o silêncio como presença. A linguagem poética, cheia de pausas, imagens e vazios, é uma forma de resistência à colonização emocional que impõe que tudo seja nomeado, verbalizado, solucionado. Aqui, a linguagem atua como abrigo: abre espaço para que crianças, adolescentes e adultos se identifiquem, projetem e elaborem suas vivências subjetivas, sem o risco do julgamento ou da normatização.

O livro também oferece uma crítica sutil, porém poderosa, ao produtivismo emocional e à lógica de aceleração que atravessa as relações, inclusive com a infância. Ao colocar no centro uma menina que não sabe o que sente e uma elefanta que apenas permanece, a narrativa questiona o lugar da performance emocional e valoriza o vínculo como experiência de presença e não de resposta.

Ao percorrer caminhos clínicos, pedagógicos e familiares, “A Menina e a Elefanta” demonstra sua vocação polifônica e intergeracional. É um livro que serve de espelho simbólico para o sofrimento e para a potência, que aproxima sujeitos e que convida à ética do cuidado, da presença e da linguagem sem imposição. Nas práticas psicoterapêuticas, educativas ou afetivas, sua leitura se revela como um ato político: o de sustentar a complexidade dos afetos sem buscar resolvê-los.

Por fim, reafirma-se que esse tipo de literatura não apenas auxilia no desenvolvimento emocional, mas possibilita que a subjetividade se reconheça e se reorganize diante de narrativas que escutam. Histórias como essa não pretendem ensinar, mas acompanhar. Não indicam caminhos prontos, mas permanecem lado a lado, como a elefanta, até que cada leitor descubra sua própria forma de caminhar, de nomear, de voar.

REFERÊNCIAS

- SILVA, T. F. Estratégias lúdicas na prática psicoterapêutica infantil: a contação de histórias como recurso clínico. **Revista Interfaces da Educação**, v. 11, n. 31, 2021.
- REIS, A. A. Biblioterapia e afetividade na educação infantil: narrativas que acolhem. **Revista da Faculdade de Educação**, FAGED/UFBA, 2024.
- OLIVEIRA, A. C. S. et al. O uso de narrativas literárias no contexto da Avaliação Psicológica Infantil. **Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão**, v. 15, n. 2, 2023.
- CARVALHO, A. M. A. de et al. A escuta e o cuidar na clínica com crianças: os contos de fadas como possibilidade de escuta. **Revista Analytica: Revisão em Psicanálise**, v. 12, n. 24, p. 136-157, 2024.
- ALMEIDA, K. G.; MEIRA, M. D. Literatura infantil e emoções: narrativas que ensinam a sentir. **Revista Psicologia em Foco**, v. 8, n. 2, 2016.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-5**. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- BOWLBY, J. **Apego**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- DAMÁSIO, A. R. **Emoção, razão e o cérebro humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. **Psicologia das Habilidades Sociais na Infância: teoria e prática**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- GOLEMAN, D. **Inteligência Emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.
- GRANDIN, T. **O Cérebro Autista**. São Paulo: Fontanar, 2014.
- KOHAN, W. O. **Infância, linguagem e filosofia**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- KOHAN, W. O. **Infância e experiência: ensino, pesquisa e vida**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.
- MOREIRA, M. C.; SANTOS, L. S. Histórias que tocam: a literatura como ferramenta terapêutica no atendimento infantil. **Revista Brasileira de Psicopedagogia**, v. 37, n. 114, 2020.
- ROGERS, C. R. **Tornar-se pessoa**. São Paulo: Martins Fontes, 1961.

SILVA, T. F. Estratégias lúdicas na prática psicoterapêutica infantil: a contação de histórias como recurso clínico. Revista Interfaces da Educação, v. 11, n. 31, 2021.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WALLON, H. A evolução psicológica da criança. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WINNICOTT, D. W. O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1975.